UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO – LET
CURSO DE LETRAS: LÍNGUA E LITERATURA JAPONESA

ANGÉLICA VERSIANI CUNHA

LUÍS FRÓIS: O OLHAR DO OUTRO NAS COMPARAÇÕES PRESENTES NO TRATADO "EUROPA JAPÃO: UM DIÁLOGO CIVILIZACIONAL NO SÉCULO XVI"

Brasília
2016

ANGÉLICA VERSIANI CUNHA

LUÍS FRÓIS: O OLHAR DO OUTRO NAS COMPARAÇÕES PRESENTES NO TRATADO “EUROPA JAPÃO: UM DIÁLOGO CIVILIZACIONAL NO SÉCULO XVI”

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Letras, pelo Curso de Língua e Literatura Japonesa da Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof. Dra. Alice Tamie Joko

Brasília

2016

ANGÉLICA VERSIANI CUNHA

LUÍS FRÓIS: O OLHAR DO OUTRO NAS COMPARAÇÕES PRESENTES NO TRATADO "EUROPA JAPÃO: UM DIÁLOGO CIVILIZACIONAL NO SÉCULO XVI"

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Letras, pelo Curso de Língua e Literatura Japonesa da Universidade de Brasília.

Data da Aprovação: 01/07/2016

Banca examinadora:

_____

Prof. Dra. Alice Tamie Joko – UnB
Orientadora

_____

Prof. Dra. Michelle Eduarda Brasil de Sá – UFRJ/UnB
Examinadora

_____

Prof. Rafael Maury de Souza e Silva – UnB
Examinador

Brasília
2016

Dedico este trabalho ao meu amado marido, Samuel Souza Cunha, que soube compreender minhas ausências. À minha querida avó, Angélica Versiani Neves, pelos exemplos. À minha família, professores e amigos por tamanho apoio, incentivos e orações para a conclusão deste curso.

Agradecimentos

Agradeço a Deus que nunca me abandonou em todos os momentos da minha vida. Com Ele me sinto mais forte e segura.

Agradeço à Universidade de Brasília por me mostrar um mundo de possibilidades. Viver esta etapa da vida neste lugar me fez ter a certeza que a educação pode mudar a vida das pessoas.

Agradeço aos professores com os quais pude compreender a imensidão da palavra educar. À professora Michele de Sá pelo pontapé inicial e pelo apoio. À professora Tae Suzuki pela dedicação. Ao professor Ronan Alves Pereira pela alegria e seu “mineirês” que eram um alívio nos dias de luta e tanto fazem falta. Ao professor Rafael Maury pelas importantes recomendações. E especialmente à professora Alice Joko pela incansável jornada percorrida até agora, por sua orientação e seu exemplo.

Agradeço à minha família por sempre compreenderem minha escolha por um curso tão destoante à minha realidade. Ao meu esposo, Samuel, que tanto aguentou esta etapa que parecia não ter fim, pela paciência e amor.

Aos amigos e companheiros nesta jornada de estudos que sempre me mostraram uma luz no fim do túnel. Obrigada à Solange Yumi Aoto pelos incentivos, apoio e parceria.

RESUMO

Este trabalho visa analisar as comparações do Padre Jesuíta Luís Fróis notratado discutido no livro “Europa Japão: um diálogo civilizacional no século XVI”. Ocontexto era a época das Grandes Navegações, onde portugueses e espanhóis selançaram ao marrumo a terras longínquas em busca de novas colônias, comércio deespeciarias e extração de ouro e prata. Junto aos navegadores foram também osmissionários da recém formada Companhia de Jesus, com o objetivo de difundir a religião católicae evangelizar os povos que habitavam essas terras. O conceito que se tinha dos povos orientais era até então desconhecido à maioria da Europa. Fróis, um padre europeu, soube descrever os costumes,características e peculiaridades na maioria das vezes de forma imparcial. O Tratado é um documento com muitariqueza de detalhes que tem capítulos distintos para cada assunto, com a exceção do último capítulo que aborda temas variados, e pôde expor, como nenhuma outra obra à época,a perspectiva do “outro” e as opiniões sobre o Japão.

PALAVRAS-CHAVE: Navegações portuguesas – Japão. Expansão marítima portuguesa – séc. XVI. Companhia de Jesus. Luís Fróis. Século Cristão. Eurocentrismo. Japanologia.

ABSTRACT

This work aims to analyze comparisons of Jesuit Father Luis Fróis on the essay discussed in the book "Europe Japan: A civilizational dialogue in the sixteenth century." The context was the Great Navigations time, where Portuguese and Spanish set off to the sea towards distant lands in search of new colonies, spice trade and gold and silver extraction. Together with the navigators were also missionaries of the newly formed Society of Jesus in order to spread the Catholic faith and evangelize the people who inhabited these lands. The concept taken from the oriental people was hitherto unknown to most of Europe.Frois, an European priest, knew how to describe the customs, characteristics and peculiarities, in most cases impartially. The Essay is a document with great wealth of details that has distinct chapters for each subject, despite the final chapter addressing various topics, and could expose, as no other work at that time, the “other” outlook and impressions of Japan.

KEYWORDS: Portuguese navigations – Japan. Portuguese maritime expansion – XVIth century. Society of Jesus. Luís Fróis. Christian Century. Eurocentrism. Japanology.

Sumário

1 – INTRODUÇÃO 1
2 – METODOLOGIA 3
3– AS GRANDES NAVEGAÇÕES, A COMPANHIA DE JESUS E O JAPÃO 6
4 – LUÍS FRÓIS, SUAS OBRAS E O TRATADO “EUROPA JAPÃO” 13
5 – CLASSIFICAÇÃO DAS COMPARAÇÕES 19
5.1 – Etnocentrismo e eurocentrismo 19
5.2 – A religiosidade e o juízo de valor 22
5.3 – Fróis como japanólogo 24
6 – CONCLUSÃO 29
BIBLIOGRAFIA: 30
ANEXO A – Sumário do tratado “Europa Japão: um diálogo civilizacional no século XVI” ... 32

1 – INTRODUÇÃO

Após o *boom* cristão no mundo com as Grandes Cruzadas (1096-1270), o cristianismo foi conquistando novas terras, pois o objetivo dos religiosos era levar a fé a todos os povos. Portugal e Espanha, que estavam entre as principais nações da Europa durante o fim da Idade Média (476-1453) e início da Idade Moderna (1453-1789), se destacaram pelas Grandes Navegações. Assim, possibilitavam com elas, juntamente com a comercialização de produtos, a expansão do cristianismo e a evangelização dos povos.

O encontro do Ocidente com o Japão é chamado de século cristão (1542-1638). Este século foi, para o Japão, um período de grandes transformações. O contato com a cultura ocidental afetou consideravelmente todos os grupos sociais do país. Foi também uma época de introdução de novas religiões, obrigando, assim, que os grupos religiosos presentes nas ilhas sentissem a necessidade de se organizarem.

Um religioso cristão que dedicou sua vida à evangelização no Oriente foi Luís Fróis (1548-1597). Foi um importante escritor do encontro Japão – Portugal e é conhecido principalmente pela sua obra “Historia deJapam”, publicada em vários volumes.

A escolha para o presente trabalho do “Europa Japão – um diálogo civilizacional no século XVI” se deu por causa da riqueza descritiva das diferenças entre o Japão e o povo europeu por ele relatado. Esta é uma obra representativa para a época, a qual revela como um padre jesuíta português – e principalmente europeu – enxergava o Japão. A imagem construída por Luís Fróis era difundida na Europa entre as pessoas que não tinham a oportunidade de conhecer o Japão pessoalmente.

Quando esta obra foi escrita, no século XVI, tinha o objetivo de informar às pessoas a realidade do povo japonês e não tinha a intenção de se tornar um livro ou uma coletânea de informações. Fróis a escreveu em forma de cartas e as enviou aos superiores da Companhia de Jesus em Málaca e Goa que depois foram distribuídas pela Europa. Porém, por ocasião das comemorações dos descobrimentos portugueses, em 1993, foi compilada, editada e publicada como um livro. Para facilitar a leitura, denominaremos a obra apenas como “Tratado”.

É interessante como o observador nesta obra compara certas práticas sociais que mais lhe chamaram atenção pelas diferenças com a própria cultura. Isso faz com que a obra se torne um registro importante de usos e costumes do Japão da época que podem ter escapado do olhar dos japoneses, uma vez que, para estes, tais práticas não representavam nada fora do cotidiano. Foi preciso o olhar do outro para que se revelassem como algo digno de ser relatado.

Pelo exposto, é importante que os alunos do curso de Língua e Literatura Japonesa da Universidade de Brasília e das demais universidades brasileiras tomem conhecimento deste material que merece estudos acadêmicos sob diversas perspectivas. Para tanto, tem-se como objetivo selecionar as comparações julgadas mais relevantes do livro e então analisá-las observando as características presentes nas palavras de Luís Fróis.

Os capítulos foram divididos para que o livro e o Padre Luís Fróis sejam situados no tempo em que foi escrito, para verificar se a visão do autor é pertinente à realidade da época por nós conhecida através de estudos da História e para verificar o que é novo para nós em termos de conhecimentos sobre Cultura e Sociedade Japonesa. Com isso, o trabalho foi dividido em três capítulos principais: as Grandes Navegações, a Companhia de Jesus e o Japão; Luís Fróis, suas obras e o tratado 'Europa Japão'; Classificação das comparações.

No primeiro capítulo será apresentada uma breve base histórica das Grandes Navegações portuguesas e sua chegada às ilhas japonesas. Também será destacado o papel da Companhia de Jesus no Japão da época. No segundo capítulo será descrito a pessoa de Luís Fróis, sua caminhada na Companhia de Jesus e suas obras. Aqui será descrito também o porquê da escolha em usar o presente Tratado. E no terceiro capítulo será dissertado sobre a seleção das comparações mais relevantes do tratado observando a visão que Luís Fróis teve das características japonesas. Dada a característica da obra, foram estabelecidas três divisões nas quais se encaixam as comparações selecionadas: etnocentrismo e eurocentrismo, a religiosidade e o juízo de valor, Fróis como japonólogo.

2 – METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa documental, concentrada em dados obtidos a partir da fonte básica “Tratado” (“EuropaJapão – Um Diálogo Civilizacional no Século XVI”) de Padre Jesuíta Luís Fróis (1532-1597) que registra fatos do Japão e da Europa do final do século XVI. Sendo estudo exploratório, o que se pretende é indicar temas que possam ser desenvolvidos através de outros métodos.

Optou-se pela pesquisa documental devido à inexistência, até onde foi possível verificar, de materiais para desenvolver uma investigação bibliográfica: não há estudos no Brasil sobre esta obra, diferentemente da outra do mesmo autor, a “História de Japam”, que tem merecido tratamentos analíticos por alguns acadêmicos no Brasil. Não há, portanto, fontes secundárias que possam contribuir para o estudo da obra.

Justifica-se o uso da técnica documental porque, como dito, as informações que aqui foram registradas com contextualização histórica e sociocultural podem ser usadas como fonte para futuras pesquisas em diversas áreas de ciências humanas. Para Cellard (2008), a obra escrita é insubstituível em qualquer reconstituição referente a um passado relativamente distante, pois não é raro que ele represente a quase totalidade dos vestígios da atividade humana em determinadas épocas. Outra justificativa para o uso de documentos em pesquisa é que ele permite acrescentar a dimensão do tempo à compreensão do social. Assim, para Cellard, a análise documental favorece a observação do processo de maturação ou de mentalidades, práticas, entre outros.

Tendo estabelecido como metodologia a técnica documental, estabelecemos as seguintes etapas de pesquisa:

1. Levantamento de todas as palavras desconhecidas (presente nas notas de rodapé).

Essa etapa foi necessária visto que o livro foi escrito em português de Portugal do século XVI. Atende ao requisito “Uma pessoa que deseja empreender uma pesquisa documental deve, com o objetivo de constituir um corpus satisfatório, esgotar todas as pistas capazes de lhe fornecer informações interessantes” (CELLARD, 2008: 298).

A etapa seguinte foi a de contextualização, tendo em vista que o contexto:

> É primordial em todas as etapas de uma análise documental que se avalie o contexto histórico no qual foi produzido o documento, o universo sócio-político do autor e daqueles a quem foi destinado O pesquisador não pode prescindir de conhecer satisfatoriamente a conjuntura socioeconômico-cultural e política que propiciou a produção de um determinado documento. Tal conhecimento possibilita apreender os esquemas conceituais dos autores, seus argumentos, refutações, reações e, ainda, identificar as pessoas, grupos sociais, locais, fatos aos quais se faz alusão, etc. Pela análise do contexto, o pesquisador se coloca em excelentes condições até para compreender as particularidades da forma de organização, e, sobretudo, para evitar interpretar o conteúdo do documento em função de valores modernos. Tal etapa é tão mais importante, que não se poderia prescindir dela, durante a análise que se seguirá. (SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe Guindadni. 2009, p.8)

A outra etapa de pesquisa foi de estudar o autor da obra, Luís Fróis, seguindo ainda o que estabelecem Sá-Silva; Almeida e Guindani (ops. cit.: 9):

> Não se pode pensar em interpretar um texto, sem ter previamente uma boa identidade da pessoa que se expressa, de seus interesses e dos motivos que a levaram a escrever. Uma questão é fundamental: “esse indivíduo fala em nome próprio, ou em nome de um grupo social?”. Cellard (2008) acreditar ser “bem difícil compreender os interesses (confessos, ou não!) de um texto, quando se ignora tudo sobre aquele ou aqueles que se manifestam, suas razões e as daqueles a quem eles se dirigem” (p. 300).
> Elucidar a identidade do autor possibilita, portanto, avaliar melhor a credibilidade do texto, a interpretação que é dada de alguns fatos, a tomada de posição que transparece de uma descrição, as deformações que puderam sobrevir na reconstituição de um acontecimento.
> Na mesma ordem de ideias, é salutar nos questionarmos por que esse documento, preferencialmente a outros, chegou até nós, foi conservado e publicado. Muitas vezes, sobretudo num passado relativamente distante, uma única categoria de indivíduos, ou seja, os que pertenciam à classe instruída podiam expressar seus pontos de vista por meio da escrita. É preciso, então, poder ler nas entrelinhas, para compreender melhor o que os outros viviam, senão as interpretações correm o risco de serem grosseiramente falseadas.

Nesse quesito, a vantagem do “Tratado” é de não ser uma escrita de caráter religioso, apesar de a condição do autor ser um missionário. Afirmamos isso porque na análise percebe-se nitidamente que o autor deixa de ser imparcial quando o registro faz referência aos sacerdotes nativos, prejudicando a qualidade de informação transmitida, ainda que tal fato seja interessante para a compreensão do comportamento humano. A posição dele praticamente o obriga a fazer julgamento ao fazer observações sobre o comportamento daqueles que seriam seus maiores inimigos, fato este que atesta a importância de se levar em consideração o contexto particular de produção do texto, já tratado.

Uma vez devidamente contextualizados a época e o autor, procedeu-se a seleção de textos que foram classificados de acordo com os seguintes critérios: características eurocêntricas, juízos de valor baseados na religiosidade e traços de um japanólogo.

3– AS GRANDES NAVEGAÇÕES, A COMPANHIA DE JESUS[1] E O JAPÃO

O século XV foi, para a Europa, um século de grandes transformações. Deu-se início a transição da Idade Média para a Idade Moderna. É importante lembrar que o século XIV, conhecido como “outono da Idade Média”,foi marcado por uma grande crise que assombrou a Europa: a Grande Fome (1315-1317), a Peste Negra (1347-1350) e a Guerra dos Cem Anos (1337-1453). Estes três eventos, interligados pelo alto e repentino crescimento demográfico, pelas péssimas condições de higiene e alimentação da população, além da devastação da agricultura e desarticulação do comércio provocada pela guerra, foram responsáveis pela decadência do trabalho servil no campo e a consequente retração dos mercados consumidores, o que tornou então imprescindível a busca por mercados externos, com o intuito de reativar a vida econômica e social europeia.

Levando-se em consideração o contexto histórico, torna-se nítida a importância da expansão marítima europeia do século XV. As Grandes Navegações foram fundamentais para que se pudesse desenvolver um comércio mercantil associado ao fortalecimento da classe burguesa e, desse modo, expandisse os horizontes para conquistas de novas áreas. Este processo foi chamado de Revolução Comercial (séculos XV, XVI e XVII).

O pontapé para as Grandes Navegações se deu, em considerável razão, ao fato do Príncipe Pedro de Portugal trazer de uma viagem da Itália uma cópia do livro de Marco Polo juntamente com um mapa.[2] Presenteou seu irmão, Príncipe Henrique, conhecido por Infante D. Henrique, o navegador.

As monarquias se interessaram pelo ideal desbravador, sobretudo devido ànecessidade de se romper o monopólio do comércio de especiarias dominado pelo

---

[1] A Companhia de Jesus é uma ordem religiosa da Igreja Católica e seus membros são conhecidos por jesuítas. Foi fundada por um grupo de estudantes, em 1534, para “desenvolver trabalho de acompanhamento hospitalar e missionário em Jerusalém, ou para ir aonde o papa enviar, sem questionar”. CÂMARA, Jaime de Barros. **Apontamentos de História Eclesiástica**. Editora Vozes, Petrópolis: 1957, p.267.

[2]Marco Polo foi um mercador e explorador italiano. Ficou conhecido pelo livro “As Viagens de Marco Polo” ou *Il Milione*, em italiano, livro que foi amplamente difundido, traduzido e impresso. Contém nele os relatos e lembranças da viagem que fez com o pai, Nicolau e o tio, Matteo. Estes relatos se deram enquanto estivera na prisão de Gênova, entre 1298 e 1299, ao seu colega de cela, Rusticiano de Pisa, e posteriormente ao padre Teobaldo de Ceposi. Esta viagem durou 24 anos e Polo trouxe para o papel tudo aquilo que teria vivenciado nesses anos. Alguns autores dizem não ser possível atestar a veracidade de todos os fatos relatados, podendo ser apenas, ou parte, histórias escutadas de outros viajantes. Entretanto foi e ainda é um importante livro, pois relata fatos e áreas até então nunca antes visitadas (ou sequer relatadas) por europeus e ocidentais.

Oriente e, mais especificamente, pela região árabe-italiana. Os árabes traziam mercadorias recolhidas no Oriente através de caravanas e este caminho era praticamente terrestre até às cidades italianas. O Ocidente vivia, à época, relevante grau de dependência para com o Oriente, algo que contrariava as aspirações monarcas europeias.

Outro fator determinante para o impulso à expansão ultramarina foi a paulatina escassez de metais preciosos, o que agravava ainda mais a crise econômica no Ocidente, devido à míngua monetária e, consequentemente, à estagnação comercial.

Todas essas dificuldades causavam a ânsia por soluções. Porém, nada teria sido possível se não houvesse um suporte científico e político que proporcionasse a busca por novas terras. As conquistas exigiam longos períodos em alto-mar, o que demandava o desenvolvimento de novos instrumentos e altíssimo suporte financeiro.

A formação das monarquias nacionais, que representavam a aliança política entre soberanos e burgueses, deu o suporte político-econômico necessário para as Grandes Navegações. Ambos tinham a ganhar: os monarcas veriam seus Estados nacionais fortalecidos com novas conquistas e também menos dependentes do Oriente. Por sua vez, a burguesia obteria uma participação nos lucros obtidos com o comércio de especiarias, tão rentável à época.

Além disso, houve um significativo avanço técnico-científico. Portugal tornou-se pioneiro nesta era de descobrimentos, pois tinha a hegemonia dos mares através da bula papal *RomanusPontifex*[3], e, dessa forma, pôde então aperfeiçoar instrumentos de navegação, como a bússola e o astrolábio, tão necessários para o desbravamento dos mares até então cheios de histórias e contos.

A criação da caravela, por volta de 1440, também foi um ponto importante e decisivo para o destaque dos portugueses nas grandes viagens marítimas. Eram

[3]A bula papal RomanusPontifex foi expedita pelo papa Nicolau V ao rei português Afonso V de Portugal, em 8 de janeiro de 1455. Permitia a Portugal: a propriedade exclusiva de todas as ilhas, terras, portos e mares conquistados nas regiões que se estendiam desde o cabo Bojador (conhecido como Cabo do Medo fica na costa do Saara Ocidental e é uma área controlada por Marrocos) e Cabo Não (atual Cabo Chaunar que fica na costa atlântica do noroeste da África, no sul do Marrocos, entre Tarfaya e SidiIfni. Era considerado por europeus e mulçumanos, até o século XV, um cabo intransponível); o direito de continuar as conquistas contra mulçumanos e pagãos nesses territórios; e o direito de comercializar com os habitantes dos territórios conquistados e dos que iriam conquistar. (ROMANUS Pontifex.Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Romanus_Pontifex>. Acesso em: 11 de novembro de 2015)

embarcações mais resistentes e modernas, que permitiam aos navegantes enfrentar longas viagens ao mar, correntes e tempestades. Também permitia o carregamento de cargas e tripulações maiores e tinha mais velocidade em alto mar.

Portanto, a necessidade de se buscar novas rotas de comércio, mercados e produtos se deram devido a várias razões: inovações técnicas-científicas, busca por especiarias, metais e pedras preciosas como ouro e prata, cerâmicas, produtos têxteis, agrícolas e mão-de-obra.

É interessante entender o destaque de Portugal nas Grandes Navegações. Além da bula papal *RomanusPontifex*, supracitada, esse país possuía um grande diferencial: sua posição geográfica. Portugal não precisaria passar por nenhum outro Estado para se lançar ao mar. Além disso, se tratava de um local favorável para a passagem de navios em rota comercial, vindos do Mediterrâneo. Era, ainda, ponto fácil para o acesso ao continente africano.

Outro detalhe merece atenção: países de grande importância no cenário europeu, a exemplo da França e da Inglaterra, estavam se recuperando de conflitos internos, ligados de certa forma à Guerra dos Cem Anos, finalizada no ano de 1453. Assim, Portugal vivia a paz em seu cenário interno, algo que, aliado com sua unificação precoce e conhecimentos náuticos avançados em razão da posição geográfica, proporcionou excelentes condições para o pioneirismo na expansão ultramarina do século XV.

Tal expansão teve como marco inicial a conquista de Ceuta, em 1415. Ceuta detinha o monopólio muçulmano, pois se situava na costa marroquina. Porém, este fato não foi tão lucrativo para Portugal, pois a região tornou-se alvo de devastações e saques, de modo que as caravanas de metais preciosos, escravos e especiarias que por ali passavam optavam em passar por outras rotas. Daí surgiu o nítido intuito português de não mais tentar interceptar caravanas em meio a rotas comerciais; era necessário chegar diretamente aos locais onde se produzia a riqueza.

Apoiados pelo infante D. Henrique e sua capacidade de organização, os avanços marítimos chegam a novos locais, como o Cabo Bojador (1434) e o Cabo da Boa Esperança (1488), abrindo o caminho para as Índias.

Mesmo depois de tamanho avanço, os portugueses deixaram um pouco de lado o Caminho das Índias porque enxergaram no comércio de escravos e ouro

daGuiné umrentável lucro. Graças aos esforços do astrônomo italiano Toscanelli e, posteriormente, de Cristóvão Colombo, a retomada pelas navegações à Ásia foi efetivada. Por algum tempo acreditou-se que Colombo havia descoberto o local que Marco Polo denominava Cipango (Japão). Este mal-entendido foi desfeito e verificou-se que se tratava da ilha Hispaniola – arquipélago onde hoje ficam o Haiti e a República Dominicana.

Enfim os portugueses chegam a Calicute, na Índia: era a descoberta do caminho das Índias por Vasco da Gama, entre 1497 e 1498. Este fato trouxe aos portugueses grande vantagem e prosperidade, pois permitiu o contato direto com mercados e povos orientais. Abriu um caminho que até então era considerado impossível de ser atingido devido às dificuldades marítimas, climáticas e territoriais. Trouxe para Portugal um papel fundamental de ligação com o comércio asiático.

A relação dos portugueses com o Japão começou com a curiosidade de se encontrar a região de Cipango, acima citada. Esta terra fora relatada por Marco Polo como uma grande ilha cheia de ouro e preciosidades. O interesse comercial nesta ilha crescia e, por volta de 1513, os portugueses souberam, através de Tomé Pires em sua *Suma Oriental*, relatos da existência real de *Jampom*[4].Há também o importante fato de Portugal se relacionar com a dinastia Ming, da China, onde frequentemente podiam ter contato com navios piratas japoneses atracados nos portos chineses.

A confirmação da existência desta ilha se deu somente anos depois. Relados de Antonio Galvão[5] e de Fernão Mendes Pinto[6] divergem sobre a data exata da chegada dos portugueses às ilhas japonesas. Acredita-se que o acaso fora responsável pela chegada de um junco chinês à praia de Tanegashima, ao sul de Kyûshû, uma das ilhas do arquipélago japonês, pois foi por causa de umtemporal com fortes ventos que o navio chinês acabou desviando da rota original parando em

---

[4]FRÓIS, Luís (Pe.). **Europa Japão – um diálogo civilizacional no século XVI**. Lisboa, 1993. Pág. 9 – apresentação de José Manuel Garcia.

[5]Antonio Galvão escreveu o *Tratado dos Descobrimentos Antigos, e Modernos, Feitos até a Era de 1550.* Com os nomes particulares das pessoas que fizeram: e em que tempos, e as suas alturas, e dos desvairados caminhos por onde a pimenta, e especiaria veio da Índia às nossas partes; obra certo *muynotavel,* e copiosa, em 1563. Relatou os fatos da época em que esteve em Moluca, hoje território da Indonésia.

[6]*Peregrinaçam de FernamMendez Pinto* – em que dá conta de muitas e muito estranhas coisas que viu e ouviu no reino da China, no da Tartaria, no do Sornau, que vulgarmente se chama Sião, no do Calaminhan, no de Pegu, no de Marcauão, e em outros muitos reinos e senhorios das partes Orientais, de que nestas nossas do Ocidente há muito pouca ou nenhuma notícia – foi o livro escrito por Fernão Mendes Pinto em 1614. Escreveu sobre as aventuras de sua viagem de vinte e um anos pelos vários países do Oriente, desde a Índia até o Japão.

terras japonesas. Neste junco havia dois ou três comerciantes portugueses, número que varia de acordo com cada relato. As datas são o ano de 1542, segundo o *Tratado*, e 1545, segundo o *Peregrinaçam*(SUZUKI, 2014, p. 64).

Um relato importante é o do monge budista NanpoBunshi, do templo Dairyû-ji, na província de Satsuma. Ele escreveu sobre as armas de fogo trazidas pelos portugueses e data o ano de 1543 como o da chegada dos ocidentais ao país. Esta obra, *Teppô-ki* (O Livro das Espingardas ou Crônicas das Espingardas), tem grande relevância uma vez que foi escrita a pedido do clã Tanegashima e se baseia em dados rigorosos. Chega a especificar um dia exato da chegada: 25º dia do oitavo mês lunar do 12º ano da era Tenbun, ou seja, dia 23 de setembro de 1543. Portanto é tomada, pela maioria, como a real data da chegada dos portugueses.

A introdução da arma de fogo pelos portugueses trouxe ao Japão um importante salto na relação comercial direta com os ocidentais. O primeiro a utilizar a espingarda, TanegashimaTokitaka, faz questão de enviar um exemplar desta tão moderna arma de guerra ao *xogum*[7] da época AshikagaYoshiharu. Logo já existiam cópias desta arma em várias regiões do país e eram conhecidas pelo mesmo nome da ilha em que foram introduzidas, Tanegashima. Foram chamadas de *teppô*,eo aperfeiçoamento destas espingardas permitiu o seu uso em massa em batalhas importantes para a unificação do país.

A esta época, o Japão passava por um período de muitas guerras, conhecido como *Sengoku*(1467-1573). O xogunato Ashikaga havia declinado e os senhores feudais, conhecidos como *daimiôs*[8], guerreavam entre si em busca de um maior domínio de terras. O caos desta guerra civil só foi acalmado após sucessivas vitórias de OdaNobunaga, um jovem *daimiô* perspicaz, eficiente e determinado que

[7] Xogum, segundo o glossário do livro "Japão", é uma contração de *seiitaishogun*, "grande general que vence os bárbaros". Originalmente, título temporário que se concedia durante o período Heian (794-1185) aos príncipes imperiais que dirigiam campanhas punitivas em nome da corte. Mais tarde, o título seria atribuído brevemente ao guerreiro MinamotoYoshinaka e depois a MinamotoYoritomo, fundador do BakufuKamakura. Após esta última nomeação, passaria a ser extensico aos chefes guerreiros, toryo, de linhagem Minamoto – Os Ashikaga e Tokugawa –, que o utilizariam para legitimar o governo Bakufu do país como braço armado da soberania imperial. (COLLCUTT; JANSEN; KUMAKURA.**Grandes Civilizações do Passado: Japão**. Espanha: Ediciones Folio, S.A., 2008. Glossário, pág. 231.

[8]*Daimiô*: senhores feudais provinciais. Literalmente "grande nome". Originalmente refere-se aos latifúndios de denominações privada; durante os séculos medievais o termo *daimiô* serviu para designar os que ostentavam poderes provinciais e os caciques guerreiros em particular. Durante as guerras do final do século XV e do século XVI, uns 250 *daimiôs* disputavam entre si o poder regional.

saiu de um pequeno domínio em Owari, na costa pacífica, para chegar ao controle da região da capital.

Nobunaga foi um grande defensor da arma de fogo e foi através de seu uso que se consagrou muitas vitórias em batalhas. Alcançou o status de gênio militar devido às suas estratégias de guerra e foi o primeiro unificador do país. O interesse de Nobunaga pelas novidades trazidas pelos portugueses não se limitou às armas de fogo, mas chegou às áreas médicas, cartográficas, astronômicas, matemáticas e todo o conhecimento científico português. Assim iniciou-se o chamado *Comércio Nanban*[9].

A influência portuguesa alcançava níveis comerciais e também religiosos. A chegada do padre jesuíta Francisco Xavier[10], em 15 de agosto de 1549, foi a abertura para o início da evangelização cristã da Companhia de Jesus no arquipélago japonês. A ponte desta empreitada foi de um jovem japonês, Anjirô – ou também Yajirô – que tinha sido acusado de tirar a vida de um homem e buscava refúgio em um templo em Kagoshima. Lá conheceu o mercador português Jorge Álvares que prontamente o convidou para que se abrigasse em seu navio, o qual logo partiria para a China. Este encontro se deu em 1544. Álvares tinha ficado impressionado com a curiosidade de Anjirô pela Europa e pela sua facilidade em assimilar princípios cristãos. Recomendou ao jovem que tivesse uma conversa com Francisco Xavier, a pessoa incumbida pelo Papa para evangelizar no Oriente.

Xavier enfrentava dificuldades em realizar seus trabalhos evangelizadores na China e retornou a Malaca, em 1546, de missões evangelizadoras pela Indonésia Oriental. O encontro de Xavier com o jovem japonês Anjirô em Malaca, após dois anos de espera, trouxe a Xavier esperança de que sua missão pudesse dar prosseguimento, agora em outro país[11].

Os estudos de Paulo da Santa Fé (nome recebido por Anjirô após sua conversão) em Goa e suas informações sobre a possibilidade de os japoneses receberem as virtudes e ensinamentos cristãos com bons olhos foram importantes para que ele se tornasse o intérprete e conselheiro de Xavier sobre os assuntos

---

[9]O nome *Nanban* literalmente significa “os bárbaros do sul”, como eram conhecidos os portugueses que haviam chegado pelo sul das ilhas japonesas, mais especificamente em Tanegashima, Kyûshû.

[10]Francisco Xavier foi cofundador da Companhia de Jesus e seguiu para o Oriente em missão pela recomendação de Ignácio de Loyola, fundador da obra missionária.

[11]SUZUKI, Tae. Os Jesuítas no Japão dos séculos XVI e XVII: o papel da prensa no trabalho de evangelização. O Japão no Caleidoscópio: Estudos da Sociedade e da História Japonesa. Campinas, SP, 2014. Pág. 67.

relacionados ao seu país de origem. Assim, Xavier se convence de que o Japão oferecia melhores condições do que a China para a evangelização, e parte para o Japão junto com Paulo de Santa Fé para levar o cristianismo ao Japão.

Xavier permaneceu no Japão por mais de dois anos e seu trabalho foi então continuado por outros missionários. Entre eles está o padre Luís Fróis, um missionário observador e minucioso que chegou ao Japão em 1563 e sobre o qual será tratado no próximo capítulo.

4 – LUÍS FRÓIS, SUAS OBRAS E O TRATADO “EUROPA JAPÃO”

A história das Grandes Navegações portuguesas teve um impacto significativo no mundo e no Japão, como vimos no capítulo anterior. Os portugueses passaram por muitos países e nações e influenciaram reinos e culturas com as quais tiveram contato. Por outro lado, também tiveram alterado o modo como enxergavam a cultura, o governo e o modo de viver de outros povos.

Neste sentido, os missionários da Companhia de Jesus exercem papel importante na vida religiosa, cultural e comercial das pessoas com quem mantiveram contato. Ao chegarem no Japão, o povo daquela ilha espantou-se com tamanho desprendimento dos padres e missionários que viajavam milhas e milhas somente para viver o apostolado e a evangelização[12].

Neste quadro, um importante missionário é, sem dúvida, o padre Luís Fróis (1532-1597). Sua caminhada pela Companhia de Jesus iniciou-se aos dezesseis anos quando deixou sua cidade natal, Lisboa, rumo à Índia. Sua chegada em Goa[13], em9 de outubro de 1548, coincidiu com a chegada de três japoneses trazidos de Málaca por Francisco Xavier. Estes jovens seguiram o exemplo de Anjirô – o jovem japonês mencionado no capítulo anterior, que incentivou Francisco Xavier a iniciar a missão cristã no país insular – e partiram de seu país para serem evangelizados e estudarem a fé cristã.

Do mesmo modo que Xavier, Fróis fica admirado com as histórias e novidades que ouvia dos jovens sobre as ilhas recentemente descobertas pelos portugueses. Pouco depois deste encontro, Xavier parte para o Japão onde, como já vimos, permanece por mais de dois anos. Com o retorno de Xavier a Goa, em 1552, Fróis começa a ter uma relação de admiração com o futuro santo e com a missão que ele exercia como evangelizador no Japão.

Logo após a morte de Xavier, na China, em 1552, a Companhia de Jesus presenciou um momento de fervor religioso no Oriente. Nesta época, Fróis chegou a conhecer em Málaca o aventureiro e mercador Fernão Mendes Pinto, um dos

---

[12]FRÓIS, Luís (Pe.). Europa Japão – um diálogo civilizacional no século XVI. Lisboa, 1993. Pág. 11 – apresentação de José Manuel Garcia

[13]Goa destacou-se por ter sido sede de duas grandes ações civilizadoras portuguesas no Oriente: a religiosa e a educacional. Foi considerada a "Roma do Oriente", erigida em Sé Metropolitana das diocesesde Moçambique, Ormuz, Cochim, Meliapor, Malaca,Nanquim e Pequim na China,
e Funay no Japão, a partir de 4 de Fevereiro de 1557. Dali partiram para o apostolado os grandes nomes do catolicismo português no Oriente, como São Francisco Xavier e São João de Brito. (https://pt.wikipedia.org/wiki/Goa - acesso em 07/06/2016, às 22h34.)

primeiros portugueses a conhecer o Japão. Fróis destacava-se cada vez mais como um “criterioso observador da realidade que vivia, revelado nos relatos minuciosos que enviava a Lisboa sobre os trabalhos desenvolvidos pela Companhia de Jesus em Málaca e Goa” (SUZUKI, , 2014. p.69)..

Impulsionados pelo crescente número de convertidos no Japão, os missionários da Companhia de Jesus consolidaram a ideia de continuar o trabalho de Xavier. Por causa disso, Fróis segue para o arquipélago japonês com o vice-provincial da Companhia, Belchior Nunes Barreto, exercendo a função de seu secretário. Esta viagem foi marcada por imprevistos e postergações, mas finalmente, em 6 de julho de 1563, Fróis desembarcava em Yokoseura, na ilha de Kyûshû.

Levado por seu dever, Fróis transferiu-se para a ilha de Takushima onde iniciou seus estudos da língua japonesa com o padre João Fernandes. Depois passou por Miyako (atual Quioto) e Sakai, onde viveu de 1565 à 1576.

Sua experiência o levou a ser nomeado superior da Companhia em Bungo, de 1577 até 1581, deixando Miyako para trás. Não retornaria para a capital até 1587, período em que exerceu o papel de tradutor e acompanhante do padre visitador Alessandro Valignano durante os dois anos em que este permaneceu no Japão. Também trabalhou com o padre Gaspar Coelho (nomeado vice-provincial do Japão naquele tempo).

Esta época foi marcada pela divulgação do decreto de expulsão dos jesuítas, por ToyotomiHideyoshi. Para que não fosse morto pelos homens do xogum, Fróis dirigiu-se para a ilha de Takushima onde permaneceu até seu retorno a Macau, em outubro de 1592.

Acabou retornando ao Japão em 1595,falecendo em Nagasaki, em8 de julho de 1597.

Durante sua vida missionária teve um papel fundamental de escritor e autor sobre a vida japonesa. Ficou conhecido pelasinúmeras cartas enviadas aos superiores da Companhia de seu país natal. Essas cartas eram resultado de uma orientação da congregação religiosa e serviam, entre outras razões, para divulgar as novas conquistas de evangelização no Oriente. Configuravam relatos da vida japonesa e por isso foram reproduzidas em diversos países para o conhecimento dos avanços jesuíticos no país em que Fróis viveu grande parte de sua vida.

Sua obra principal, a *História de Japam*, é caracterizada pela riqueza de detalhes descritos. Inicialmente, a sugestão do historiador jesuíta italiano Pietro Maffei foi que Fróis escrevesse um "comentário sobre o progresso da fé no Japão e do sítio da terra, e dos seus governantes e guerras que impediram o Evangelho e outras coisas a propósito da História" (FRÓIS, 1993, p. 11). E o que era para ser apenas um registro das conquistas jesuíticas acabou se tornando a maior obra sobre os principais acontecimentos no Japão escrita no século XVI.

Fróis, que já configurava o jesuíta que mais escreveu cartas sobre o Japão, se afirma como um escritor cuidadoso e grandioso. Tamanho zelo fez com que o livro demorasse dez anos para ser finalizado: começou em 1584 e terminou em 1594, já com a saúde debilitada e a idade avançada.

Este sacrifício por pouco não foi perdido. Valignano, o padre responsável pelo Oriente, desejava textos menores e mais sucintos e esta foi a razão desta coletânea ter ficada adormecida até 1894, quando o padre alemão Joseph Marie Cros a encontrou na Biblioteca de Ajuda, situada em Lisboa.

Tal desejo de Valignano, porém, não impediu que outra obra de Fróis também ficasse desconhecida até 1946, quando o padre jesuíta Josef Franz Schütte a encontrou na Biblioteca de La Real Academia de La História de Madrid. Tal obra considera tratar "muito sucinta e abreviadamente" diversos assuntos que em *História de Japam* deveriam ser minuciosamente relatados. É justamente sobre este livro que trataremos neste trabalho e sua importância deriva da constatação da proximidade com *História de Japam* e também devido à criteriosa observação sobre o outro civilizacional em comparação ao povo europeu (FRÓIS, 1993, p. 29).

Otítulo dado por Fróis às diversas comparações que fez do povo europeu com o povo japonês é o seguinte:

> "Tratado em que se contêm muito sucinta e abreviadamente algumas contradições e diferenças de costumes antre a gente da Europa e esta província do Japão. E ainda que se achem nestas partes do Ximo[14] algumas cousas em que parece convirem os japões connosco, não é por serem comuas e universais neles, mas adquiridas pólo comércio que têm com os portugueses, que cá vêm tratar com eles em seus navios – e são muitos de seus costumes tão remotos, peregrinos e alongados dos nossos que quase

[14]*Ximo* quer dizer a região inferior, na parte meridional do Japão, onde a Companhia realizou grande parte de seus trabalhos.

> parece incrível poder haver tão opósita contradição em gente de tanta polícia, viveza de engenho e saber natural como têm. E pêra se não confundirem umas cousas com outras, dividimos isto com a graça do Senhor aos 14 de junho de 1585 anos."

Fróis não tem a pretensão de se prolongar demasiadamente nas comparações. O texto foi bastante divulgado e conhecido na Europa, no século XVI pois o conteúdo era de rápida leitura e trazia conhecimento sobre o Japão. O Tratado chama a atenção pela diversidade de temas e fatos do cotidiano japonês e isso contribuía tanto para a divulgação da missão no Japão como para auxiliar os futuros missionários em sua preparação à ida para um país tão diferente dos que vinham evangelizando.

Cabe relatar que Fróis saiu muito cedo de Lisboa e da Europa e isso não o impediu de manter contato com o ambiente europeu nos locais em que viveu. Com isso pôde aperfeiçoar sua imensa capacidade de observação durante a vivência que teve com outras culturas. A proximidade com o Japão se deu devido aos muitos anos em que viveu no país e sua capacidade de aprendizagem e facilidade de escrever textos o fizeram um autênticojaponólogo.

A divisão dos capítulos no tratado vai ao encontro da divisão dos capítulos de*História de Japam*e esta proximidade conclui que a autoria do Tratadoé de Luís Fróis. O Tratadoencontrado por Schütte não havia nome do autor e as várias páginas em branco indicam que Fróis talvez tivesse a intenção de ir completando-o, de acordo com o passar do tempo.

O Tratadofoi dividido inicialmente em treze capítulos e seus temas variam entre vestuário, comidas, costumes, religião e escrita, tratando especialmente sobre homens, mulheres e crianças. Presume-se que Fróis não teve tempo de terminar ou revisar os capítulos e de criar novos capítulos com temas específicos, por isso acabou compilando num décimo quarto capítulo comparações de diversas áreas.

A seguinte tabela demonstra a relação de temas entre a Taboada de *História de Japam* e o índice do Tratado, confirmando assim a autoria do Tratado e a relação com *História de Japam*.

Tabela 1 – comparação entre índices do *História de Japam* e do Tratado

Tabuada de História de Japam	Índice do Tratado	Ordem efetiva do índice no Tratado
3	1	1
4	2	2
5	3	3
7	14 (parte)	14 (parte)
8	6 e 10	6 e 11
9	7 e 10	7 e 8
10	12 e parte do 10	12 e parte do 11
11	8	9
12	14 (parte)	13 (parte)
13	9	10
14 a 18	4 e 5	4 e 5

Fonte: GARCIA (1993, p.28)

A formação religiosa de Fróis o influenciou também em suas comparações, embora tenha discursado de forma imparcial na maior parte dos capítulos. Quando escreve sobre as características e diferenças religiosas, acaba deixando o objetivo de sua missão, a evangelização cristã, se sobrepor ao caráter meramente descritivo de comparações. Na parte introdutória em que José Manuel Garcia escreve sobre a versão utilizada neste trabalho, afirma:

> Duma maneira geral Fróis é duma serena objectividade evitando proceder a juízos de valor, apesar de por vezes utilizar a expressão 'seria cousa rediquolosa', revelando o que para ele poderia ser tomado por um procedimento caricato, isto é, o conceito de ridículo. Só no que concerne aos bonzos e a outros aspectos religiosos as suas críticas são contundentes e visam reforçar o carácter negativo da religião e dos religioso locais, que os jesuítas tinham de enfrentar.
> Com efeito os capítulos 4º e 5º sobre os religiosos e a religião, são aqueles em que é manifesta a má vontade de Fróis contra os japoneses. (GARCIA, 1993, p. 34).

Sendo o Renascimento Universalista europeu a ideologia cultural à época, a curiosidade persistente de Fróis o conduziu à análise minuciosa dos aspectos e costumes humanos em civilizações tão diferentes em sua essência, mas

que acabaram, por força das Grandes Navegações e posteriormente pela necessidade de evangelização, se encontrando em meados do século XVI.

As comparações entre o mundo conhecido na Europa com o desconhecido das exóticas regiões orientais, que passaram a ser conhecidas a partir do contato com os portugueses desde a época das Grandes Navegações, foram tema de numerosas obras dos séculos XV a XVII, mas somente Fróis conseguiu desenvolver o diálogo intercultural à luz do Renascimento (séculos XV e XVI).

O próximo capítulo tem o objetivo de dissertar sobre algumas dessas comparações de Fróis, classificando-as de acordo com proposto.

5 – CLASSIFICAÇÃO DAS COMPARAÇÕES

O Tratado traz para o leitor uma ampla visão da disparidade entre europeus e japoneses no século XVI. Fróis descreve fatos do cotidiano da vida japonesa e com isso trafega por temas que variam entre vestuário, modo de comportamento, construção de casas, religiosidade, costumes, entre outros.

A genialidade desta obra, o Tratado, se dá pela diversidade de temas, mas principalmente pela inexistência de obras sobre o Japão desta época. O autor consegue passar a visão do outro dentro de um contexto político de pós guerras e início de uma unificação do Japão.

Classificaremos a seguir esta imagem que Fróis destacou em suas comparações dividindo-as em aspectos eurocêntricos, religiosos e numa visão de japonólogo.

5.1 – Etnocentrismo e eurocentrismo

Quando os primeiros estudos sobre etnocentrismo começaram a ser divulgados, no século XX, mal se podia acreditar ser capaz de fazer associações etnocêntricas com temas anteriores a esses estudos. Nosso objeto de debate, o Tratado, é um exemplo da presença do etnocentrismo em suas palavras.

Segundo Rocha, “etnocentrismo é uma visão do mundo onde nosso próprio grupo é tomado como centro de tudo e todos os outros são pensados e sentidos através dos nossos valores, nosso modelos, nossas definições do que é a existência” (Rocha, p. 7). O etnocentrismo alcança também o plano intelectual e o plano afetivo podendo ser visto como a dificuldade de pensarmos a diferença, como sentimentos de estranheza, medo, hostilidade, etc.

A diversidade de culturas é um tema tratado com amplitude por Claude Lévi-Strauss. Em seu conhecido trabalho, Raça e História, o autor nos conduz a uma análise das diferenças entre culturas e afirma que é impossível compará-las do mesmo modo e num mesmo plano, pois a diversidade de culturas é muito maior e mais rica que tudo o que conhecemos.

O etnocentrismo descrito por Lévi-Strauss consiste em repudiar pura e simplesmente as formas culturais, morais, religiosas, sociais e estéticas mais afastadas daquelas com que nos identificamos. Isso só é possível pois

consideramos a própria cultura um modelo na comparação ao outro e nos é mais cômodo e usual nos tomarmos como centro de referência.

O problema do etnocentrismo está no relativismo, pois uma cultura nunca se encontra isolada. Não há como afirmar que uma cultura é melhor que a outra se a analisamos isoladamente.

Dentro do etnocentrismo e indo ao encontro do tema deste trabalho, tem-se a idéia de eurocentrismo. As palavras de Barbosa descrevem o eurocentrismo como "mero fenômeno etnocêntrico, comum aos povos em outras épocas históricas" enquanto também observa que "o eurocentrismo deveria ser caracterizado, diferentemente, como um etnocentrismo singular, entendido como uma ideologia, paradigma e/ou discurso" (Barbosa, p. 1).

Esta divergência sobre o eurocentrismo acaba na designação que de fato ele é um tipo singular, único de etnocentrismo, pois ele é a expressão de uma dominação objetiva dos povos europeus ocidentais no mundo. Ao comparar o eurocentrismo com a História, Barbosa afirma que a origem da história europeia é estudar o Outro para melhor dominá-lo (Barbosa, p. 5).

Assim, o Tratado de Fróis acaba se enquadrando nas características de eurocentrismo e isso é demonstrado nas comparações selecionadas abaixo. Fróis caminha entre temas diversos e traz em suas palavras aspectos carregados sutilmente de etnocentrismo. Suas descrições são minuciosas e mesmo sem deixar claro, cria pequenos juízos de valor.

Foram selecionadas para este capítulo comparações em que o eurocentrismo e o julgamento das diferenças culturais estão mais evidentes e para tanto se fez necessário mesclar diversos temas.

> Antre nós quase cad'ano se inventa um novo traje e invenção de vestidos;
> em Japão sempre a feição é a mesma sem nunca se variar.
>
> Nossos vestidos são justos, estreitos e apertados no corpo;
> os de Japão tão largos que com facilidade e sem pejo[15] se despem logo da cinta pera riba.
>
> Nós usamos de sapatos de couro, e os fidalgos de veludo;
> os Japões altos e baxos de alparcas feitas de palha de arroz.

[15] Entre os significados de pejo estão: pudor, vergonha, receio de desonra, acanhamento.

Antre nós a gente lava o corpo em suas casas muito escondido;
em Japão homens e mulheres e bonzos em banhos públicos ou à noite às suas portas.

Em Europa vão os homens diante e as mulheres detrás;
em Japão os homens detrás e as mulheres diante.

Nas cartas que se escrevem antrenós a mulheres, se assina o homem que a escreve;
Em Japão as que se escrevem a mulheres não hão-de levar sinal, nem elas em suas cartas se assinam, nem põem mês nem era.

Antre nós beber pela tijela de caldo, de pexe ou carne se teria por nojo;
em Japão é muito usado despejar o *xiru goqi*[16] e beber por ele.

Antre nós na porcelana em que se comeu caldo ou arroz não se bebe por ela sem se lavar;
os Japões, deitanto*xiru* no *goqi* do arroz, bebem depois a água quente por ele.

Nós ordinariamente temos o seu *xiru* por salgado;
e eles o nosso caldo por ensonso.

Antre nós dar arrotos à mesa diante dos hóspedes se tem por mau ensino;
em Japão é muito corrente e nenhum caso fazem disso.

Os nossos cavalos são muito fermosos;
os de Japão lhe são muito inferiores.

Os nossos cavalos todos se ferram com cravos e ferraduras;
os de Japão a nenhum, antes lhe calçam sapatos de palha que lhe duram mea légua.

Antre nós o freo tem sua lingueta e argolinhas pera dentro da boca;
em Japão não tem mais que um ferro atravessado na boca.

As nossas rédeas são de couro muito bem feitas;
as suas é uma tira de *nuno*[17] pintada e enrolada.

[16] Xiru: do japonês *shiru,* sopa. Goqi: do japonês *goki,* escudela de pau onde se come o arroz.

> Nós de prepósito plantamos em nossos jardins árvores que dêm fruto;
> os Japões estimam em mais em suas *nivas*[18] as que dão somente flores.
>
> As nossas cerejeiras dão mui gostosas e fermosas cerejas;
> as de Japão dão muito pequenas e amargosas cerejas e muito fermosas flores, que os Japões estimam.

5.2 – A religiosidade e o juízo de valor

O trabalho de evangelização no Oriente começou a ser colocado em prática quando se buscava expandir o comércio europeu.Junto às Grandes Navegações, embarcaram missionários católicos com a meta de converter o maior número de almas. Para isso estavam sempre levando a palavra de Cristo às pessoas por todo lugar onde os navios aportassem.

No Japão, os missionários enfrentaram muitas dificuldades, pois a prática religiosa daquela nação era completamente diferente do catolicismo: politeísta, não exclusivo a uma só religião e os sacerdotes acumulavam outras funções. A provável comodidade que os sacerdotes japoneses tinham, por exemplo, de acordo com as palavras de Fróis, parece constranger os sacerdotes que lutavam pela conversão.

Outro fator importante na barreira entre sacerdotes católicos e sacerdotes japoneses era a proximidade dos últimos com os principais líderes da época. Ao se aproximarem desses líderes, os sacerdotes católicos foram ganhando destaque e assim aumentando a barreira entre os religiosos.

Algumas comparações observadas por Fróis ultrapassam o campo religioso e o juízo de valor percebido em suas palavras provém de uma educação religiosa rígida. Exemplos como aborto, assassinatos e suicídios não eram vistos com a naturalidade descrita dos japoneses. Levam-se em consideração que estes atos eram tidos na Europa como graves transgressões morais e religiosas.

As seguintes comparações navegam por temas como a religiosidade, os costumes, as disputas e o dia-a-dia japonês.

---

[17] Nuno: pano de linho.
[18] Nivas: forma plural do japonês *niwa,* jardim.

Em Europa, posto que o haja, não é freqüente o aborcio das crianças;
em Japão é tão comum, que há mulher que aborta vinte vezes.

Em Europa, depois da criança nascer, raras vezes ou quasi nunca se mata;
As Japoas lhe põem o pé no pescoço e matam todos os que lhe parece que não podem sustentar.

Antre nós se aprende a ler e escrever com mestres seculares;
em Japão todos os meninos aprendem nas *varelas*[19] dos bonzos.

Os nossos mestres ensinam a doutrina, santos e vertuosos costumes aos meninos;
os bonzos os ensinam a tanger, cantar, jogar, esgrimir e com eles fazem suas abominações.

Os homens se metem antre nós em religião pera fazer penitência e se salvarem;
os bonzos entram na religião pera viver em delícias e descanso e fugir aos trabalhos.

Antre nós se peleja por tomar lugares, cidades e vilas e suas riquezas;
a peleja quasi sempre em Japão é pera se tomar o trigo, arroz e cevada.

Os nossos religiosos sempre desejam a paz e lhe pesa sumamente das guerras;
os *nengoros*[20] professam guerra e são alugados dos senhores pera irem pelejar nas batalhas.

Antre nós se tem por pecado gravíssimo matar-se um a si mesmo;
os Japões na guerra, quando não podem mais, cortar a barriga é grão (sic) valentia.

Antre nós a treição é cousa rara e mui estranhada;
em Japão é tão comum que já quase nada se estranha.

Antre nós casar-se um religioso é ficar apóstata;
os bonzos, como se enfadam da religião, ou se casam ou se fazem soldados.

[19] Varela: pagode ou mosteiro budista.
[20] Negoro: monge as seita budista shingon.

Nós damos aos próximos contas bentas e relíquias de santos de graça;
os bonzos grande número e diversidade de nominas escritas em papel por muito bom dinheiro.

Antre nós não se têm ódio umas religiões às outras;
os bonzosantre si, pera seu *yxei*[21] e proveito, aborrecem as outras seitas.

Antre nós não mata senão quem tem alçada e jurisdição pera isso;
em Japão cada um pode matar em sua casa.

Antre nós é espanto matar a um homem, e nenhum matar vacas, galinhas ou cães;
os Japões se espantam de ver matar animais e matar homens é cousa corrente.

Antre nós se não mata por furto, senão até uma certa cantidade;
em Japão por qualquer cousa, ainda que seja muito pequena.

5.3 – Fróis como japanólogo

A chegada dos primeiros cristãos em terras japonesas data de 1549, seis anos após um navio português ter atracado naquelas terras. Desde a chegada até a definitiva expulsão dos portugueses e cristãos em 1640, não se tem conhecimento de outros estudiosos da língua, cultura, religiosidade japoneses como Luís Fróis.

Os escritos de Fróis sobre a vida no Japão são um resultado de mais de 30 anos morando e observando os nativos daquele país. Seus trabalhos mais conhecidos, o *História de Japam* e o Tratado tratam de temas variados e os descreve muitas vezes detalhadamente. Mesmo sendo um religioso, tratou de escrever não somente sobre a religiosidade japonesa e com isso conseguiu se tornar um autêntico estudioso japonês, ou comumente chamado de japonólogo.

Levando em consideração que a divulgação do Tratado data o ano de 1585 e a do *História de Japam* o ano de 1594, considera-se Fróis também como o

[21]Yxei: do japonês *isei,* poder.

primeiro japanólogo, abrindo assim a oportunidade para diferentes pessoas conhecerem a vida no Japão do século XVI.

As seguintes comparações atestam sua imensa capacidade de observação e descrição de fatos que poderiam passar despercebidos aos olhos mais comuns. Conseguiu enxergar e colocar no papel características japonesas que eram tão destoantes das europeias e mesmo assim demonstrou em suas palavras a admiração e surpresa pelo cotidiano japonês.

Assim, se hoje já nos impressionamos com tamanho cuidado de Fróis em seus relatos, imagina-se que estes relatos também chamaram bastante a atenção dos religiosos e leigos que tiveram contato com o Tratado.

> Antre nós trazer o vestido pintado se teria por leviandade e zombaria;
> nos Japões é universal trazerem-nos pintados, exceptobonzos e velhos rapados.
>
> Os vestidos dos homens antre nós não é cousa que possa servir às mulheres;
> os *quimões* e *catabiras*[22] de Japão igualmente servem às mulheres e homens.
>
> Nós por causa dos botões e atacas não podemos meter a mão no corpo facilmente;
> os Japões assi homens como mulheres, como não têm nada disso, sempre, especialmente no Inverno, trazem as mangas por fora caídas e as mãos dentro do corpo.
>
> Nós fazemos a cortesia com tirar o barrete[23];
> os Japões a fazem com descalçar os sapatos.
>
> Antre nós em Europa seria doudice[24] ir um fidalgo descalço diante de um príncipe;
> os Japões têm por mau ensino ir calçados diante de quaisquer senhores que sejam.

[22] *Quimões* e *catabiras* são tipos de vestimentas japonesas: quimono (para ser usado no inverno devido às camadas de tecidos) e catabira (para ser usado no verão pois é um quimono sem forro), respectivamente.
[23] Barrete: tipo de chapéu eclesiástico.
[24] Doudice: doidice, extravagância, excesso.

Nós entramos nas casas calçados;
em Japão e descortesia e hão-se de deixar os sapatos à porta.

As [mulheres] de Europa lavam em suas casas os cabelos e cabeça;
as Japoas em banhos públicos onde há particulares lavatórios pera os cabelos.

As mulheres em Europa não vão fora de casa sem licença de seus maridos;
as Japoas têm liberdade de irem por onde quiserem, sem os maridos o saberem.

Antre nós não é muito corrente saberem as mulheres escrever;
Nas honradas de Japão se tem por abatimento as que o não sabem fazer.

Em Europa [os] homens são alfaiates, e em Japão as mulheres.

Antre nós um menino de quatro anos ainda não sabe comer com sua mão;
os de Japão de três anos comem por si mesmos com *faxis*[25].

Os nossos meninos aprendem primeiro a ler e depois a escrever;
os de Japão começam primeiro a escrever e depois aprendem a ler.

Os [meninos] de Europa são mancebos e não sabem dar um recado;
os meninos Japões de dez anos parecem de cinqüenta no siso e prudência com que o dão.

Antre nós é um homem de vinte anos e quase que ainda não traz espada;
os meninos de Japão de doze, treze anos andam com *catana* e *vaqizaxi*[26].

Os nossos meninos têm pouco assento e primor nos costumes;
os de Japão são nisto estranhamente inteiros, em tanto que põem admiração.

Os [meninos] de Europa são criados com muitos mimos, branduras, bons comeres e vestidos;
os de Japão meos nus e quasi que de todos os mimos e delícias carecem.

Em Europa os cristãos batendo nos peitos pedimos a Deus misericórdia;

[25]Faxis: forma plural do japonês *hashi*, pauzinhos.
[26] Catana: do japonês *katana*, espada. E vaqizaxi: do japonês *wakizashi*, espada curta.

em Japão os gentios esfregam as contas muito rijo nas palmas das mãos.

Nós comemos todas as cousas com a mão;
os Japões, homens e mulheres, desde crianças, comem com dous paus.

O nosso comer ordinário é pão de trigo;
os Japões arroz cozido sem sal.

Nós bebemos com uma mão;
eles sempre bebem com duas.

Nós, quando bebemos, estamos assentados em cadeiras;
eles postos em jiolhos.

Antre nós a água que se bebe antre-dia há-de ser fria e clara;
a dos Japões há-de ser quente e há-de levar pós de chás batidos com uma escova de cana.

Antre nós o convidado vai dar graças ao que o convidou;
em Japão o que convidou vai dar graças ao convidado.

Antre nós há mulos e mulas, zebras, asnos e azêmalas;
em Japão não há nenhuma cousa destas.

Os nossos telhados são de telha;
os de Japão póla maior parte de tábuas, palha ou canas.

A gente d'Europa dorme em alto em leitos ou catres[27];
a de Japão em baxo sobre os *tatamis* com que a casa está esteirada.

As nossas camas estão sempre estendidas nos leitos;
as de Japão sempre de dia enroladas e escondidas onde se não vejam.

Nós assentados;
e eles [os japoneses] em cócoras.

Nós usamos de chiminés;
e os Japões de *cotacçus*[28] cobertos no meo da casa.

[27] Catre: pequeno leito de lona, dobradiço e portátil.
[28] Cotacçus: do japonês *katatsu*, braseira.

Antre nós a moeda de cobre é inteira;
em Japão furada pelo meo.

Antre nós ordinariamente se costumam as visitações sem levar nada;
em Japão quem vai visitar póla maior parte sempre há-de levar alguma cousa.

6 – CONCLUSÃO

Buscou-se com este trabalho analisar as comparações feitas pelo padre jesuíta Luís Fróis entre japoneses e europeus sobre diversos temas. Com a análise pretendeu-se observar se os fatos relatados se encaixam na visão eurocêntrica, religiosa ou apenas como um observador e estudioso da sociedade japonesa.

Foi importante buscar o contexto histórico da época em que o tratado foi escrito visto que as culturas se alteram com o passar dos anos. Assim pôde atestar como esta obra foi significativa para os futuros missionários que partiriam para o Japao no século XVI e também para os estudos da cultura e vida japonesas daquela época.ís.

Pretendeu também abrir as portas para que os alunos do curso de Língua e Literatura Japonesa da Universidade de Brasília e das demais universidades brasileiras tivessem conhecimento deste material que merece futuros estudos acadêmicos sob diversas perspectivas

BIBLIOGRAFIA:

1. BARBOSA, Muryatan Santana. Eurocentrismo e História: problemas e alternativas. **A dinâmica do historicismo: tradições historiográficas modernas.** Caderno de resumos & Anais do 2º. Seminário Nacional de História da Historiografia. Ouro Preto: EdUFOP, 2008.
2. BOXER, Charles Ralph. **The Christian Century in Japan, 1549-1650**. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1967.
3. CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. et al. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, Vozes, 2008.
4. COLLCUTT; JANSEN; KUMAKURA. **Grandes Civilizações do Passado: Japão.** Espanha: Ediciones Folio, S.A., 2008.
5. DESCOLA, Philippe. **Claude Lévi-Strauss, uma apresentação.** *Estud. av.* [online]. 2009, vol.23, n.67, pp. 148-160.
6. FRÓIS, Luís (Pe.). **Europa Japão – um diálogo civilizacional no século XVI.** Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1993.
7. ISSLER,Bernardo. Comentário sobre os KakureCuristan. **Encontros Culturais Portugal – Japão – Brasil.** Barueri, SP: Manole, 2002.
8. LEVI-STRAUSS, Claude. **Raça e História**. 10ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 2010.
9. MELLO, Leonel Itaussu A.; COSTA, Luís César Amad. **História Moderna e Contemporânea**. 4ª ed. São Paulo, SP: Editora Scipione,1994.
10. MIYAZAKI, Kentaro. A fé dos KakureCuristan que sobrevive na atualidade. **Encontros Culturais Portugal – Japão – Brasil.** Barueri, SP: Manole, 2002.
11. RESENDE, Helena Maria dos Santos de. **O Oriente no Ocidente : o Japão na cultura portuguesa do século XVI - a visão de Luís Fróis nas "Cartas de Évora".**Lisboa : [s.n.], 2013. - Tese de doutoramento em História, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Lusíada de Lisboa.
12. ROCHA, Everardo P. Guimarães Rocha. **O que é Etnocentrismo.** 6ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.
13. SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe Guindadni. **Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas.** Revista Brasileira de História & Ciências Sociais Ano I - Número I, Julho de 2009.
14. SAKURAI, Célia. **Os japoneses.** 1 ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.
15. SILVA, Maria Manuela; ÁLVARES, José Marinho. **Ensaios Luso-nipónicos**. Lisboa: A. Coelho Dias LDA, 1986.

16. SUZUKI, Tae. Os Jesuítas no Japão dos séculos XVI e XVII: o papel da prensa no trabalho de evangelização**. O Japão no Caleidoscópio: Estudos da Sociedade e da História Japonesa**. Campinas, SP, 2014.
17. THOMAZ, Luíz Filipe. **Nanban-Jin:** os portugueses no Japão. Portugal: 1993.
18. YAMASHIRO, José. **Choque Luso no Japão dos Séculos XVI e XVII**. São Paulo: IBRASA, 1989.
19. **LUÍS Fróis (1532 – 1597).**Disponível em: <http://embaixadadeportugal.jp/pt/cultural/personalidades-historicas/luis-frois/>.Acesso em: 14 de abril de 2015.
20. FREITAS, Eduardo. **Eurocentrismo.**Disponível em: <http://www.mundoeducacao.com/geografia/eurocentrismo.htm>. Acesso em: 28 de outubro de 2015.
21. GOMES, Cristiana. **Grandes Navegações.** Disponível em: <http://www.infoescola.com/historia/grandes-navegacoes/>. Acesso em: 11 de novembro de 2015.
22. SILVA, Michel Gustavo de Almeida. **O eurocentrismo brasileiro.**Disponível em: <http://filosofiaeliteraturacomvinhotinto.blogspot.com.br/2012/07/o-eurocentrismo-brasileiro-nos.html>. Acesso em: 28 de outubro de 2015.
23. SOUZA, Wanessa de. **As Grandes Navegações e o Descobrimento do Brasil.**Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/pae/apoio/asgrandesnavegacoeseodescobrimentodobrasil.pdf>. Acesso em: 11 de novembro de 2015.
24. **O SÉCULO 15 e as Grandes Navegações.** Disponível em: <http://www.historia-brasil.com/seculo-15.htm>.Acesso em: 11 de novembro de 2015.
25. **ROMANUS Pontifex.**Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Romanus_Pontifex>. Acesso em: 11 de novembro de 2015.
26. **CABO Não.**Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Cabo_N%C3%A3o>. Acesso em 11 de novembro de 2015.
27. **CABO Bojador.**Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Cabo_Bojador>. Acesso em 11 de novembro de 2015.
28. **JAPANESE studies.** Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Japanese_studies>. Acesso em: 28 de novembro de 2015.

ANEXOS

ANEXO A – Sumário do tratado “Europa Japão: um diálogo civilizacional no século XVI”

Capítulo 1 - Do que toca aos homens em suas pessoas e vestidos

Capítulo 2 - Do que toca às mulheres, e de suas pessoas e costumes

Capítulo 3 - Do que toca aos meninos e a seus costumes

Capítulo 4 - No que toca aos bonzos e a seus costumes

Capítulo 5 - Dos templos, imagens e cousas que tocam ao culto de sua religião

Capítulo 6 - Do modo do comer e beber dos Japões

Capítulo 7 - Das armas ofensivas e defensivas dos Japões – e da guerra

Capítulo 8 - Do que toca aos cavalos

Capítulo 9 - Das doenças, médicos e mezinhas

Capítulo 10 - Do escrever dos Japões e de seus livros, papel e tinta e cartas

Capítulo 11 - Das casas, fábricas, jardins e frutas

Capítulo 12 - Das embarcações e seus costumes e dogus

Capítulo 13 - Dos autos, farsas, danças, cantar e instrumentos da música de Japão

Capítulo 14 - De algumas cousas diversas e extraordinárias que não se podem bem reduzir aos capítulos precedentes